

# A PRÁTICA DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCRITA DE ARTIGOS: ENTRE CONVENÇÕES SOCIAIS, RELAÇÕES DE PODER E QUESTÕES DE AUTORIDADE

Larissa Giacometti PARIS

*Universidade Federal de Lavras*

**Resumo:** Com base nos princípios teóricos dos Novos Estudos do Letramento e da abordagem dos Letramentos Acadêmicos, este artigo busca caracterizar e analisar a prática de colaboração científica na produção de artigos científicos por um doutorando brasileiro e suas implicações para a definição de critérios de coautoria. Os dados analisados são um recorte de uma pesquisa realizada com ancoragem nos princípios metodológicos e epistemológicos da etnografia. Primeiramente, no que se refere à figura do orientador como coautor dos artigos, propõe-se reflexões sobre as relações de poder e de autoridade que enformam a prática de colaboração científica de pós-graduandos com seus respectivos orientadores. Em seguida, a análise aponta que o entendimento de como se estabelece uma colaboração científica entre pesquisadores, além de quem desses deve ser considerado um coautor, parece refletir normas e convenções socialmente construídas. Conclui-se que os critérios para a atribuição de coautoria são subjetivos, situados e ligados às concepções de pesquisa e de escrita de cada área do conhecimento. Isso permite afirmar que as práticas de escrita acadêmica são permeadas por diferentes convenções, concepções, ideologias e relações de poder e autoridade, as quais variam a depender do contexto e da cultura disciplinar em que estão inseridas.

**Palavras-Chave:** Colaboração científica; Escrita acadêmica; Letramentos acadêmicos.

## SCIENTIFIC COLLABORATION PRACTICES IN ARTICLE WRITING: SOCIAL CONVENTIONS, POWER RELATIONS AND ISSUES OF AUTHORITY

**Abstract:** *Based on the theoretical principles of New Literacy Studies and the Academic Literacies approach, this article seeks to characterize and analyze the scientific collaboration practices in the production of scientific articles by Brazilian doctoral students and its implications in the definition of co-authorship criteria. The analyzed data are part of a research that is based on the methodological and epistemological principles of ethnography. First, with regard to the supervisor as co-author of the articles, we propose a reflection on the way power and authority relationships shape the scientific collaboration between graduate students and their respective supervisors. Then, the analysis showed that the understanding of how a scientific collaboration between researchers is established and who is considered a co-author seems to reflect socially*

constructed norms and conventions. This research concludes that the criteria used to attribute co-authorship are subjective, and linked to research and writing concepts of each area of knowledge. This allows us to state that academic writing practices are permeated by different conventions, conceptions, ideologies, and relations of power and authority, which vary according with the context and disciplinary culture in which they are inserted.

**Keywords:** Scientific collaboration; Academic writing; Academic literacies.

## LA PRÁCTICA DE COLABORACIÓN CIENTÍFICA EN LA ESCRITURA DE ARTÍCULOS: ENTRE CONVENCIONES SOCIALES, RELACIONES DE PODER Y CUESTIONES DE AUTORIDAD

**Resumen:** Teniendo como base los principios teóricos de los Nuevos Estudios de la Literacidad y el abordaje de las Literacidades Académicas, este artículo busca caracterizar y analizar la práctica de colaboración científica durante la producción de artículos científicos por un estudiante de doctorado brasileño y las implicaciones de estas prácticas para la definición de criterios de coautoría. Los datos analizados son parte de una investigación realizada bajo los principios metodológicos y epistemológicos de la etnografía. En primer lugar, respecto a la figura de del tutor como coautor de los artículos, se propone reflexiones sobre las relaciones de poder y de autoridad que conforman la práctica de colaboración científica de estudiantes de postgrado y sus tutores. En segundo lugar, el análisis señala que el entendimiento sobre el cómo se establece la colaboración científica entre investigadores y cuál de ellos debe ser el primer autor o segundo, parece reflejar normas y convenciones que se construyen socialmente. Se llega a la conclusión que los criterios para atribución de coautoría son subjetivos, situados y relacionados a las concepciones de investigación y de escritura de cada área del conocimiento. Eso permite afirmar que las prácticas de escritura académica son permeadas por diferentes convenciones, concepciones, ideologías y relaciones de poder y autoridad, las cuales cambian a depender del contexto y de la cultura disciplinaria en la que están insertadas.

**Palabras-clave:** Colaboración científica; Escritura académica; Literacidades académicas.

### 1. INTRODUÇÃO

O campo dos Letramentos Acadêmicos<sup>1</sup> tem possibilitado, nas últimas décadas, o desenvolvimento de uma série de pesquisas relacionadas às práticas de leitura e

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo “Letramentos Acadêmicos”, escrito com as iniciais maiúsculas, refere-se à abordagem teorizada por Lea e Street (1998), já a expressão “letramentos acadêmicos”, com as iniciais minúsculas, faz referência às práticas letradas que se inserem no meio acadêmico-científico.

escrita no ensino superior. Entretanto, para além da importante e crucial questão da escrita na graduação, poucas têm sido as investigações que priorizam a análise das práticas de escrita para publicação no âmbito da pós-graduação (Paris, 2021).

Assim, neste artigo, busco contribuir para a discussão sobre o processo de escrita e de publicação de artigos científicos por doutorandos. Atualmente, em decorrência dos efeitos de uma cobrança por alta produtividade na academia (Berg; Seeber, 2016), muitos Programas de Pós-Graduação têm postulado a exigência de publicação de um ou mais artigos científicos para que os doutorandos possam concluir o curso (Paris; Laranjeira; Miranda, 2022). Dessa forma, os doutorandos, além de se voltarem para a escrita da tese, necessitam também envolver-se com a escrita de artigos. Nesse cenário, diversas são as estratégias encontradas, a depender do contexto e da cultura disciplinar em que estão inseridos, dentre elas, a da colaboração científica.

Assim, o objetivo deste trabalho<sup>2</sup> é caracterizar a prática de colaboração científica na produção de artigos científicos de um doutorando brasileiro, bem como analisar o modo como as convenções socialmente construídas acerca da definição de coautoria, as relações de poder e as questões de autoridade enformam tal prática.

Para tal, este artigo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresento os conceitos teóricos que fundamentam este trabalho à luz dos Novos Estudos do Letramento e da perspectiva dos Letramentos Acadêmicos. Nas segunda e terceira seções, exponho a metodologia empregada e o contexto da pesquisa. Em seguida, na análise dos dados, focalizo a discussão sobre a colaboração científica e a sua relação com a atribuição de coautoria na prática de escrita de artigos científicos. Por fim, nas considerações finais, proponho algumas reflexões a partir de uma sistematização do que foi discutido ao longo do texto.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DOS NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO AOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS**

Nesta pesquisa, assumo os princípios teóricos dos Novos Estudos do Letramento (Street, 1984; Barton, 2007 [1994]; Gee, 1996), movimento que compreende a leitura e a escrita como práticas de letramento socioculturais e situadas que são parte

---

<sup>2</sup> Pesquisa realizada com apoio financeiro concedido pelo CNPq (Processo número 141101/2017-2).

integrante de determinados grupos sociais e que estão incrustadas em significados culturais, ideologias e relações de poder (Street, 2014). Mais especificamente, considerando as particularidades das práticas de letramentos do ensino superior, que se distinguem do fundamental e médio (Fischer, 2008), baseio-me na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998), a qual será apresentada a seguir.

De acordo com Lea e Street (1998), os primeiros pesquisadores a teorizarem a perspectiva dos Letramentos Acadêmicos, há três principais abordagens sobre a escrita acadêmica: Habilidades de Estudo, Socialização Acadêmica e Letramentos Acadêmicos.

No primeiro modelo, “adquirir” o letramento acadêmico equivale a dominar uma série de habilidades de leitura e de escrita típicas do contexto acadêmico. Nesse sentido, o trabalho com tais práticas é concebido no âmbito individual e cognitivo, desconsiderando o âmbito sociocultural (Lea; Street, 2014). Assim, as habilidades adquiridas podem ser aplicadas em qualquer contexto, ignorando a natureza situada das práticas de letramento. Lea (2017) explica que, na abordagem da Habilidades de Estudo, o letramento pode ser aplicado sem esforço a qualquer contexto que exija o domínio da escrita, uma vez que seja adquirido.

Por sua vez, o objetivo do segundo modelo, denominado Socialização Acadêmica, é promover a socialização da cultura acadêmica (Lea; Street, 1998) no que se refere a discursos e gêneros acadêmicos. Esta abordagem parte do princípio de que, para se obter sucesso na escrita acadêmica, é necessário adquirir “modos de falar, escrever, pensar e interagir em práticas de letramento que caracterizam membros de uma comunidade disciplinar ou temática” (Lea; Street, 2014, p. 479).

A Socialização Acadêmica, portanto, parte do princípio de que cada comunidade possui práticas de letramento acadêmico específicas, o que indica um olhar mais cuidadoso para o contexto social (Lillis *et al.*; 2015) e para a situacionalidade das práticas em comparação com a Habilidades de Estudo. No entanto, a segunda abordagem pressupõe que haja uma certa estabilidade em relação aos discursos e aos gêneros da academia, segundo Lea e Street (1998), o que revela uma visão homogênea sobre a escrita. Para Street (2010), as práticas institucionais, os processos de mudança, as relações hierárquicas e o exercício do poder não são teorizados no modelo da Socialização Acadêmica, ainda que exista o reconhecimento de que há uma diferença disciplinar em relação à escrita acadêmica.

Por fim, a abordagem dos Letramentos Acadêmicos, que é a assumida neste trabalho, considera

os processos envolvidos na aquisição de usos adequados e eficazes de letramento como mais complexos, dinâmicos, matizados, situados, o que abrange tanto questões epistemológicas quanto processos sociais incluindo: relações de poder entre pessoas, instituições e identidades sociais (Lea; Street, 2014, p. 479).

Dessa forma, a perspectiva dos Letramentos Acadêmicos defende que a escrita acadêmica e sua aprendizagem envolvem questões do nível da epistemologia e da identidade (Lea; Street, 1998) e não somente do nível da habilidade ou da socialização, como pretendem os outros dois modelos.

Vale ressaltar que o terceiro modelo não nega a importância de se adquirir determinadas habilidades de leitura e escrita e de haver a socialização da cultura acadêmica de determinada área de conhecimento. Ao contrário, a abordagem dos Letramentos Acadêmicos incorpora princípios dos demais modelos a partir de uma compreensão mais abrangente da natureza da escrita acadêmica (Lea; Street, 1998), pois abarca também a natureza contestada das convenções de escrita acadêmica e as questões identitárias (Lea; Street, 2014).

De acordo com Lillis *et al.* (2015), os Letramentos Acadêmicos se constituem como uma abordagem crítica em relação à pesquisa, ao ensino e à aprendizagem da escrita acadêmica, evidenciando o modo como o poder e a autoridade estão inscritos nas práticas de letramentos e explicitando a sua ligação com a construção do conhecimento acadêmico-científico no ensino superior. Esse é, inclusive, um dos objetivos deste trabalho: analisar a forma como as relações de poder e autoridade influenciam as práticas de letramentos em um contexto de colaboração científica na escrita de artigos científicos.

Para tanto, assumo os princípios epistemológicos da etnografia, tópico abordado na próxima seção.

### **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa está situada no campo da Linguística Aplicada (LA) e se constitui como qualitativa-interpretativa. Nela, emprego a etnografia como base metodológica, a qual, de acordo com Jung, Silva e Santos (2019), tem sido frequentemente utilizada na produção de conhecimento na LA. Isso porque a etnografia possibilita a observação e o

registro de práticas situadas, em que as ações humanas se concretizam por meio do uso da linguagem, questão central para as pesquisas na área da LA (Garcez; Schulz, 2015).

Segundo Street, Lea e Lillis (2015), adotar a etnografia obriga o pesquisador a suspender suas próprias suposições em relação ao que vale como letramento, visando observar o que as pessoas de fato estão realmente fazendo em suas práticas de leitura e escrita. Por isso, os eventos de letramento observados devem ser sempre contextualizados (Blommaert, 2005), pois, ao lidar com a vida real das pessoas, justifica-se o dever do pesquisador em situar as suas análises.

De acordo com Heath e Street (2008), na etnografia, é papel do pesquisador refletir sobre aquilo que outras pessoas aceitaram como comum ou que nunca pensaram sobre. Isso possibilita transformar as concepções de leitura e escrita que possam parecer familiares em algo estranho, isto é, ver o que antes não se enxergava (Pires-Santos *et al.*, 2015).

Para Lillis (2008), essa dinâmica é essencial em pesquisas sobre os letramentos acadêmicos, em que geralmente o pesquisador é também um acadêmico ou docente universitário e pode, muitas vezes, recorrer a seus próprios entendimentos e experiências sobre leitura e escrita para dar sentido a certos fenômenos. Contudo, a autora adverte que é preciso evitar pressuposições sobre o que pode ou não ser significativo aos participantes da pesquisa em épocas e contextos sócio-históricos específicos a partir das vivências do pesquisador, daí a importância de tornar o familiar em algo estranho.

Ao transformá-los em estranhamento, tais entendimentos podem ser problematizados, isto é, tornam-se passíveis de exame e de reflexão (Garcez; SCHULZ, 2015). É nessa perspectiva que Blommaert (2006) argumenta que o objetivo da etnografia é questionar normas e expectativas sociais já estabelecidas, tomando-as como ponto de partida para a investigação e não como fatos irrefutáveis. Logo, a etnografia possui o potencial de investigar criticamente a natureza entre a língua e as relações de poder (Blommaert; Jie, 2010).

Assim sendo, a fim de melhor compreendermos o contexto específico analisado nesta pesquisa, passemos à próxima seção, na qual relato o modo como ocorreu a geração dos dados.

#### **4. O CONTEXTO DA PESQUISA**

Os dados analisados neste artigo são um recorte de uma pesquisa de doutorado<sup>3</sup> defendida no ano de 2021, cujo objetivo geral foi o de caracterizar e analisar os eventos e as práticas de letramentos acadêmicos relacionados à escrita da tese de quatro doutorandos de diferentes áreas de conhecimento da Unicamp. Durante o segundo semestre de 2018, conversas cíclicas foram realizadas com cada um dos doutorandos. Considerando os objetivos deste artigo, a ênfase recai na prática de colaboração científica de Miguel, um doutorando da grande área Tecnológica<sup>4</sup>, tópico que surgiu em diversas conversas nossas.

Miguel, à época com 40 anos, foi um pós-graduando da área Tecnológica e encontrava-se, no momento da geração dos dados desta pesquisa, em seu quarto e último ano do doutorado. Sua graduação e seu mestrado foram concluídos na Unicamp, instituição que escolheu também para realizar seu doutorado, no mesmo Programa de Pós-graduação do mestrado, que possui nota máxima na avaliação da CAPES.

Em seu curso de graduação, Miguel fez iniciação científica, tendo sido bolsista da Fapesp. Ele teve seu primeiro artigo publicado em coautoria com o grupo de pesquisa da iniciação científica ainda nesse período, como fruto da pesquisa que realizou.

Logo após o término da graduação, Miguel começou a trabalhar como pesquisador em um centro de pesquisa e desenvolvimento de Campinas/SP e, paralelamente, iniciou seu mestrado. Embora estivesse vinculado a um Programa de Pós-graduação da Unicamp, afirmou que realizou a sua pesquisa nesse centro de pesquisa, atrelando a temática da dissertação ao seu trabalho da época. Os artigos publicados referentes à pesquisa de mestrado foram escritos em coautoria com pesquisadores de seu trabalho. Dessa forma, fica evidente que a colaboração científica, conceito analisado na próxima seção, era uma prática recorrente na vida acadêmica do participante desde o início de seu contato com a escrita de artigos científicos.

Durante o doutorado, realizado entre os anos de 2015 e 2018, Miguel fez parte de um grupo de pesquisa formado por pós-graduandos orientados por um mesmo orientador, chamado Luigi. O grupo possuía um laboratório – local institucional da Unicamp em um dos prédios pertencentes à faculdade – que era reconhecido pelos

---

<sup>3</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp, sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 84164218.5.0000.8142.

<sup>4</sup> Miguel é um nome fictício escolhido pelo participante, visando preservar a sua identidade. Além disso, pelo mesmo motivo, optou-se por fazer referência apenas à grande área ao qual ele pertence (Tecnológica), omitindo o nome do Programa de Pós-Graduação.

pares como o lugar em que os pesquisadores podiam trabalhar e em que alguns experimentos aconteciam.

Vale ainda ressaltar que Miguel publicou 21 artigos científicos em periódicos ou anais de congresso entre os anos de 2002 e 2018, todos em coautoria, sendo como primeiro ou segundo autor em 11 deles.

A seguir, passo à análise dos dados, focalizando a questão da prática de colaboração científica e suas implicações para a escrita de artigos a partir da visão de Miguel.

## 5. A PRÁTICA DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

O excerto abaixo apresenta a transcrição de uma parte de uma conversa na qual eu e Miguel falávamos sobre a quantidade de autores que os artigos científicos da área Tecnológica usualmente têm.

### **Excerto 1**

Pesquisadora: Geralmente, aí você me corrige se eu estiver errada, na sua área, quase nunca a autoria é sozinha, né, de artigos?

Miguel: Não.

Pesquisadora: Quase nunca, é bem difícil, né?

Miguel: Quase nunca. [...] É engraçado porque, às vezes, acho artigo de um autor, eu até brinco, “o cara fez sozinho”, né.

De acordo com Hilário, Grácio e Guimarães (2018), a coautoria em artigos científicos se constitui como o resultado de uma colaboração científica entre dois ou mais pesquisadores, podendo ser definida como uma “estratégia de trabalho adotada por pesquisadores para viabilizar, facilitar e potencializar a realização de pesquisas científicas, principalmente aquelas de natureza empírica e/ou experimental” (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018, p. 12). Vieira (2009) afirma que, nesse tipo de colaboração, tem-se ainda como um possível benefício a formação de pesquisadores, já que um profissional mais experiente pode auxiliar outro que está no início de sua jornada acadêmico-científica.

É válido ressaltar que Miguel cursou seu doutorado em uma área em que estudos empíricos ou experimentais são muito recorrentes e que, em geral, tais pesquisas demandam o trabalho de mais de um pesquisador para a sua concretização (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018). Para Miguel, um artigo que possui somente um autor



implica, conseqüentemente, na ideia de que a pesquisa nele apresentada foi realizada por um único pesquisador, o que lhe pareceu quase como um absurdo, causando estranhamento, considerando que, em todos os artigos que ele publicou, houve colaboração científica entre vários pesquisadores. Soava até prepotente para ele escrever um artigo sem dar os créditos de colaboração científica aos demais que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa, ainda que de forma mais ou menos relevante.

De acordo com Fuza (2017), há uma grande variação de uma área para outra entre o número de autores presentes em um artigo. A pesquisadora argumenta que “esse fator não representa apenas uma questão formal de constituição do artigo de acordo com as normas dos periódicos, mas sim um entendimento que aborda a comunidade acadêmica da qual esses sujeitos-pesquisadores fazem parte” (Fuza, 2017, p. 562). Isso ocorre porque uma comunidade acadêmica está ligada a uma tradição disciplinar específica. Nelson e Castelló (2012) afirmam que, nas práticas acadêmicas, é esperado que se escreva conforme as normas prescritas, as quais incluem tanto as convenções acadêmicas em geral quanto as convenções mais específicas relacionadas à determinada área ou disciplina.

A prática da colaboração científica no grupo de pesquisa de Miguel, para além de uma questão meramente formal, advém das concepções que a comunidade acadêmica da área Tecnológica possui em relação à produção de conhecimento científico e ao seu posterior registro escrito. Em outras palavras, a natureza da área de pesquisa é um dos fatores que favorece a existência (ou não) da coautoria em artigos científicos (Fuza, 2017).

Além disso, para melhor compreendermos a questão da colaboração científica nos artigos científicos publicados por Miguel, apresento uma parte de seu Currículo Lattes<sup>5</sup>. Na imagem, podemos observar os cinco últimos artigos nos quais o doutorando é um dos autores. Trata-se, portanto, de um recorte, já que ele afirmou que, considerando somente o período do doutorado, publicou treze artigos em periódicos ou em anais de congressos. Os nomes dos pesquisadores, os títulos dos trabalhos e os nomes dos periódicos especializados foram substituídos por expressões que não identificam nem o participante nem seus colegas. Os autores foram identificados com

---

<sup>5</sup> A plataforma Lattes foi criada em 1999 pelo CNPq. Nela, um modelo de Currículo é utilizado como padrão para que pesquisadores registrem, no âmbito acadêmico-científico, suas titulações, experiências profissionais, produções, participações em eventos, orientações, etc. Fonte: <http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/historico>. Acesso em 06 abri. 2023.

números (exemplo: AUTOR 1), com exceção de Miguel e seu orientador. Logo abaixo da figura, apresento um quadro que reproduz as informações da imagem visando garantir uma melhor visualização.

**Artigos completos publicados em periódicos**



**Figura 1** – Parte do Currículo Lattes de Miguel

Fonte: Plataforma Lattes (modificado pela autora visando manter o sigilo do participante)

**Tabela 1.** Reprodução das informações do Currículo Lattes de Miguel

Artigos completos publicados em periódicos – Ordem cronológica
1. Autor 1. Orientador. Miguel. Autor 4. Autor 5. Título em inglês. Periódico especializado na área, v. x, p. x, 2018.
2. Autor 1. Orientador. Miguel. Autor 4. Autor 5. Autor 6. Autor 7. Título em inglês. Periódico especializado na área, v. x, p. x, 2018.
3. Miguel. Orientador. Autor 3. Autor 4. Autor 5. Autor 6. Autor 7. Título em inglês. Periódico especializado na área, v. x, p. x, 2017.
4. Autor 1. Orientador. Miguel. Autor 4. Autor 5. Autor 6. Autor 7. Autor 8. Título em inglês. Periódico especializado na área, v. x, p. x, 2017.
5. Autor 1. Miguel. Autor 3. Orientador. Título em inglês. Periódico especializado na área, v. x, p. x, 2016.

Fonte: Plataforma Lattes (modificado pela autora visando manter o sigilo do participante)

Alguns elementos chamam a atenção nessa figura. Primeiramente, a quantidade de autores varia entre quatro (o artigo com menor número) e oito (o artigo com maior número). Fica evidente que a colaboração científica era uma prática comum, ao menos no grupo de pesquisa do qual Miguel fazia parte.

Segundo Fuza (2017), a colaboração científica entre os pesquisadores pode ser estabelecida em meio às redes de conhecimento construídas nas interações entre os sujeitos. Esse é o caso nos artigos publicados por Miguel, uma vez que os autores dos cinco artigos eram ou já haviam sido integrantes do grupo de pesquisa de seu orientador. É preciso, então, buscar compreender: como se estabelecia a colaboração científica nos artigos produzidos por Miguel? Quais eram os critérios, na concepção do participante, para considerar uma pessoa coautora de um artigo científico? Somente ser integrante do grupo de pesquisa já garantiria a participação na prática da colaboração científica?

Além dessas questões, que serão discutidas adiante, podemos observar, ainda em relação à figura 1, que o orientador aparece como segundo autor em todos os artigos, com exceção do último. É este o foco da análise a seguir.

### *5.1. A FIGURA DO ORIENTADOR NA PRÁTICA DE COLABORAÇÃO CIENTÍFICA*

A produtividade acadêmica, na forma de publicação de artigos científicos, é um dos critérios avaliados pelas agências de fomento e sabemos que a ordem dos autores em um artigo faz diferença. Em princípio, o primeiro autor é o principal pesquisador do trabalho. A partir do segundo, a importância da contribuição do autor vai diminuindo conforme a ordem apresentada. Considerando que os cinco artigos apresentados no recorte do Currículo Lattes de Miguel foram produzidos pelos integrantes do grupo de pesquisa coordenado pelo seu orientador, convém refletir também sobre a colaboração científica em trabalhos feitos por pós-graduandos que foram supervisionados por um orientador que se constituía como um pesquisador mais experiente e consagrado no meio.

Para tal, a seguir, trago mais um excerto de uma conversa com Miguel.

#### **Excerto 2**

Miguel: Por exemplo, igual nesse congresso que tem todo mês de agosto, nos três anos anteriores eu publiquei lá, o que nós fazemos aqui no laboratório: se eu tive uma ideia de um artigo, então, né, convido as pessoas, a gente discute aquilo, eu fico responsável em fazer o texto.

Pesquisadora: Mas não é só você o autor?

Miguel: Não, então, mas aí nós dividimos, olha, está aqui, aí entra o trabalho em equipe, vamos dizer, assim, o esqueleto é um o responsável que seria o primeiro autor.

Pesquisadora: Ah tá, o que vai sair como primeiro autor.

Miguel: Aí nós usamos via de regra que nosso sobrenome é Luigi, que é nosso orientador, então, o segundo é sempre o Luigi.

Pesquisadora: Sim, porque geralmente o segundo é o orientador.

Miguel: Aí a gente... aí, às vezes, é em ordem alfabética, às vezes... né, não tem muita regra, às vezes quem participou mais ou menos.

Pesquisadora: E, às vezes, sai o nome da pessoa, mas ela não necessariamente escreveu, mas ela auxiliou no experimento?

Miguel: Auxiliou, isso. Isso, isso.

Pesquisadora: Então, o autor não necessariamente teve participação na escrita, um dos autores do artigo?

Miguel: Todo mundo leu e deu a sua opinião.

Pesquisadora: Ah tá, isso que eu queria saber.

Miguel: A revisão sim, todo mundo fez.

Pesquisadora: Todo mundo leu?

Miguel: Todo mundo leu, sim.

Pesquisadora: Não põe lá só o nome da pessoa?

Miguel: Não, de maneira alguma. [...] Porque, assim, eu até ia falar que a gente usa... Nos três [congressos] anteriores, eu publiquei como, vamos dizer, como o autor principal, nesse, eu não submeti nenhum artigo, mas o Davi escreveu um e tem o Elias.

Pesquisadora: Você está saindo como autor?

Miguel: Estou, mas pode perguntar para ele [Davi], a gente sentou, conversou, revisei, fiz parte, cheguei até a fazer parte do texto, da escrita mesmo, “olha, esse pedaço aqui”. O do Elias revisei alguns pontos... é engraçado que eu recebo o artigo prontinho, na estratégia que a gente usa. Então, o que a gente faz, por exemplo, do Elias, “olha, esse ponto aqui, não que esteja tecnicamente errado, mas o público que vai estar no congresso não vai gostar”, então, a gente discute algumas coisas.

Um aspecto do excerto 2 que julgo ser importante destacar é a questão da colaboração científica nas situações que envolvem uma equipe de pós-graduandos supervisionados por um orientador. Segundo Hilário, Grácio e Guimarães (2018), uma das formas mais comuns de colaboração científica se dá entre orientadores e orientandos, uma vez que a supervisão de um pesquisador mais experiente é necessária durante o mestrado ou o doutorado.

Primeiramente, pode-se observar que a colaboração científica se materializa, no artigo, por meio da atribuição de autoria a todos os pesquisadores que colaboraram com o desenvolvimento do trabalho. Ademais, conforme observado na figura 1, Luigi, orientador de Miguel, apareceu como segundo autor em quatro das cinco produções mais recentes do Currículo Lattes do doutorando. Em relação a esse ponto, o participante afirmou: “Aí nós usamos via de regra que nosso sobrenome é Luigi, que é nosso orientador, então, o segundo [autor] é sempre o Luigi”.

Miguel fez uma brincadeira ao dizer que o sobrenome do primeiro autor se torna Luigi porque o nome do orientador é o que vem, em grande parte dos casos, em segundo lugar. Primeiramente, essa fala é consonante à concepção de autoria coletiva

advinda da ideia de colaboração científica: sendo o orientador aquele que, como o próprio nome sugere, orienta o pós-graduando em sua pesquisa, é de se esperar que ele seja também incluído como autor do artigo que é fruto dessa pesquisa, já que contribuiu para a sua concretização. Neste sentido, a brincadeira feita por Miguel pode indicar que essa prática já se tornou normalizada no grupo de pesquisa a ponto de parecer universal para seus membros (Starke-Meyerring, 2011). Além disso, o uso do advérbio “sempre” na fala do participante reforça tal concepção.

Em segundo lugar, é interessante refletir sobre a posição que Luigi ocupava nos artigos de seus orientandos: a de segundo autor. Uma consulta em seu currículo Lattes revelou que, em 2018 (ano da geração dos dados desta pesquisa), Luigi publicou quinze artigos científicos. Com exceção de um único texto, no qual ocupou a quarta posição, em todos os demais Luigi foi listado como segundo autor.

Assim, ao mesmo tempo que esse acordo entre os integrantes do grupo de pesquisa, ainda que não oficializado institucionalmente, possa ser entendido como uma convenção social – isto é, convencionou-se (“via de regra”), no grupo, que o orientador é quase sempre o segundo autor – um olhar mais cuidadoso pode indicar outros aspectos.

É possível inferir que a prática da colaboração científica se constitui também como uma resposta à cultura política acadêmica atual de alta cobrança por produtividade (Berg; Seeber, 2016). Isso porque ser um dos autores de um artigo é “altamente relevante para a consolidação profissional e institucional [do pesquisador], pensando na avaliação da produção científica nos dias de hoje, quantitativamente extrapolada” (Paris; Laranjeira, 2019, p. 763). Por essa razão, é do interesse dos pesquisadores serem colocados (e colocarem-se como) autores de um artigo.

No contexto analisado neste artigo, o orientador era a figura com maior experiência no campo acadêmico-científico dentre os integrantes do grupo e, no caso de Luigi, um pesquisador já consagrado nacional e internacionalmente em sua área de pesquisa. Ademais, era o único elemento permanente, já que os demais eram mestrandos e doutorandos que, conforme defendiam suas dissertações ou teses, acabavam se afastando das atividades de pesquisa do grupo. Ele seria, então, aquele que possuía a visão do todo das pesquisas realizadas pelo grupo ao longo das décadas. Esses são argumentos válidos que poderiam justificar a posição de segundo autor nos artigos de seus alunos. Contudo, além desses fatores, é pertinente considerar também as relações de poder existentes em qualquer relação entre orientador e orientando (Paris, 2022).

O que Miguel denominou “via de regra”, isto é, a convenção de Luigi ser o segundo autor, também abarca tais relações de poder. Sem levar em conta se de fato Luigi contribuiu ou não para a produção dos artigos (algo que não é o foco de minha análise), faço o questionamento: considerando a sua experiência, além do prestígio social que carrega na área em questão, como não o classificar como um dos autores do trabalho?

Novamente, ressalto que não tenho interesse em julgar se o orientador deve ou não ser considerado um autor dos artigos em questão, mas, pensando nas relações assimétricas de poder teorizadas pelo modelo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 2014), seria muito improvável que um pós-graduando se posicionasse contra essa convenção social em supostos casos que discordasse da colaboração científica do orientador. E, complementando esse meu raciocínio, ao partir-se da concepção de Miguel, não haveria motivo para discordar da autoria do orientador nos artigos científicos.

É possível depreender que a produção de conhecimento científico, na visão do participante, era um trabalho coletivo e colaborativo, feito em equipe por integrantes do grupo de pesquisa, pois os resultados não seriam possíveis de serem alcançados havendo somente uma pessoa envolvida ou ainda acarretariam custos elevados (Pereira, 2010). Desse modo, Luigi, por ser o pesquisador-chefe que coordenava o grupo de pesquisa do qual Miguel era um integrante, já ganharia o *status* de autor somente pelo fato de coordenar e guiar as pesquisas de seus orientandos.

Esse dado revela que a atribuição de coautoria, neste contexto de publicação de artigos científicos de integrantes de um mesmo grupo de pesquisa, não partia somente da contribuição do pesquisador com base na prática de colaboração científica consolidada na área Tecnológica. Levava-se em conta, também, as relações de poder e de autoridade instauradas no grupo de pesquisa coordenado pela figura do orientador, conforme adverte o modelo dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 2014). Em outras palavras, era socialmente aceito pelo grupo que Luigi, o orientador, assumisse a posição de autor – que já lhe era “dada” de antemão – devido ao lugar que socialmente ocupava nesse contexto específico.

O excerto 2 ainda traz um trecho que comprova como a prática da colaboração científica estava atrelada à produção escrita de artigos científicos no grupo de pesquisa do qual Miguel fazia parte. É essa a temática discutida a seguir.

## 5.2. A COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE OS COLEGAS PÓS-GRADUANDOS

No que se refere à colaboração científica entre os próprios colegas integrantes do mesmo grupo de pesquisa, Miguel afirmou no excerto 2: “se eu tive uma ideia de um artigo, então, né, convido as pessoas, a gente discute aquilo”. Ou seja, aquele que idealizou o artigo é o que sairá como primeiro autor, mas é socialmente naturalizado que outras pessoas também serão responsáveis pelo trabalho. Qual seria, então, o papel desses pesquisadores no processo de produção escrita do artigo científico?

Segundo Starke-Meyerring (2011), cada comunidade acadêmica desenvolve suas próprias práticas, normas e convenções que regularizam, em uma dada cultura de pesquisa específica, o que pode ou não ser dito, pensado ou feito. O entendimento de como se estabelece uma colaboração científica entre pesquisadores, quem desses deve ser considerado um coautor, além do modo como se produz um artigo científico parecem refletir justamente tais práticas, normas e convenções da área de pesquisa de Miguel, que aqui chamo genericamente de Tecnológica para garantir o anonimato do participante.

Portanto, a concepção individual referente àquilo que Miguel entende por colaboração científica constrói-se com base na concepção de colaboração científica consolidada coletivamente na área Tecnológica (cf. Paris; Laranjeira, 2019).

Ainda em relação ao excerto 2, é válido ressaltar que, no momento em que o doutorando dizia que o primeiro autor é o responsável por “fazer o texto”, o meu olhar de escritora/autora da área da Linguística Aplicada imediatamente associou autor à pessoa que escreve pelo menos parte do artigo, o que me levou a questioná-lo: “Mas não é só você o autor?”, assim como “Não põe lá só o nome da pessoa?”. Miguel respondeu, então, que o primeiro autor é aquele que faz o esqueleto do texto, isto é, a pessoa responsável pela primeira versão escrita, sendo que os demais discutem a ideia e participam, de algum modo, de alguma etapa da pesquisa. Assim, basta uma contribuição teórica, experimental, analítica ou de resultados, por exemplo, para ser incluído como coautor, não necessariamente tendo um papel ativo na escrita do texto.

De acordo com Hilário, Grácio e Guimarães (2018), alguns manuais sobre ética na autoria de artigos científicos postulam que os autores não são apenas aqueles que de fato redigiram um texto, mas também os pesquisadores que contribuíram substancialmente para o trabalho, isto é, que concretizaram práticas de colaboração científica. Em consonância com tal definição, esse excerto revela que a coautoria em um artigo científico marca o processo da produção, isto é, o número de autores em um

artigo deixa marcas explícitas de que há vários agentes envolvidos no processo da produção de um artigo por meio da prática da colaboração científica.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a pesquisa na área Tecnológica um trabalho coletivo que se concretiza por meio de uma equipe, a colaboração científica mostrou-se como uma prática recorrente no desenvolvimento de pesquisas do grupo do qual Miguel era um integrante.

Tal colaboração implica, conseqüentemente, na coautoria de artigos científicos. Porém, o que esta investigação revela é que os critérios para a atribuição de coautoria são subjetivos, situados e ligados às concepções de pesquisa e de escrita de cada área do conhecimento, o que permite afirmar que as práticas de escrita acadêmica são variáveis, de acordo com a cultura disciplinar e o contexto em que se inserem (Kosloski, 2021).

Embora não seja o foco do artigo, não é possível desconsiderar o fato de que a colaboração científica é também uma estratégia usada pelos pesquisadores em decorrência daquilo que Paris, Laranjeira e Miranda (2022) denominaram como “ciência da pressão” no contexto do lema “publicar ou perecer”. Segundo as autoras, “essa pressão por alta produtividade é consequência da regulamentação de políticas científicas que estabelecem a publicação intensiva em periódicos de alto impacto como um dos critérios para financiamento acadêmico e desenvolvimento de carreira” (Paris; Laranjeira; Miranda, 2022, p. 76). Nesse sentido, a prática da colaboração científica certamente auxilia na publicação de um grande número de artigos, fenômeno que, atualmente, “gera mais admiração do que críticas” (Vilaça; Palma, 2013, p. 470).

Além disso, é possível afirmar que a coautoria advinda da colaboração científica está relacionada também às questões de legitimidade, poder e autoridade, principalmente se considerarmos a figura do orientador. Isso implica diferentes formas de valorizações de normas e convenções (FIAD, 2011), que, embora não sejam oficiais do ponto de vista da instituição de ensino, são institucionalizadas e normalizadas dentro do grupo de pesquisa, como no caso em que o orientador é geralmente colocado como o segundo autor das publicações do grupo que coordena.

Portanto, considerando os princípios dos Novos Estudos do Letramento e da abordagem dos Letramentos Acadêmicos, a partir de um olhar etnográfico, torna-se possível compreender que a prática de escrita de artigos científicos advinda da



colaboração científica é permeada por diferentes convenções, concepções, ideologias e relações de poder e autoridade, as quais variam a depender do contexto em que estão inseridas. Isso permite concluir que, tanto no âmbito do ensino quanto no âmbito da pesquisa, é necessário refletir localmente, de modo específico e situado, sobre as práticas de escrita acadêmica.

## REFERÊNCIAS

BARTON, D. **Literacy**: an introduction to the ecology of written language. 2 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007 [1994]. 245 p.

BERG, M.; SEEBER, B. K. **The Slow Professor**: challenging the culture of speed in the academy. Toronto: University of Toronto Press, 2016. 115 p.

BLOMMAERT, J. **Discourse**: A Critical Introduction (Key Topics in Sociolinguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 299 p.

BLOMMAERT, J. Ethnography as counter-hegemony: remarks on epistemology and method. **Working Papers in Urban Language & Literacies** (Paper 34). London: Institute of Education, 2006.

BLOMMAERT, J.; JIE, D. **Ethnographic Fieldwork**: a beginner's guide. Bristol: Multilingual Matters, 2010. 92 p.

FIAD, R. S. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369, 2011.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Sci. Lang. Cult.**, v. 30, n. 2, p. 177-187, 2008.

FUZA, A. F. Objetivismo/subjetivismo em artigos científicos das diferentes áreas: a heterogeneidade da escrita acadêmica. **Alfa**, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 545-573, 2017.

GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **D.E.L.T.A**, v. 31, n. especial, p. 01-34, 2015.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. 2nd ed. London; Bristol, PA: Taylor and Francis, 1996.

HEATH, S. B.; STREET, B. V. **On ethnography**: approaches to language and literacy research. New York: Teachers College Press, 2008. 153 p.

HILÁRIO, C. M.; GRÁCIO, M. C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos da coautoria em publicações científicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 12-36, 2018.

JUNG, N. M.; MACHADO E SILVA, R. C.; PIRES SANTOS, M. E. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópio**, v. 17, n. 1, p. 145-162, 2019.

KOSLOSKI, E. R. **As formas de presença do autor e do outro em práticas de letramento com artigo científico em uma Escola de Altos Estudos**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2021.

LEA, M. R. Academic Literacies in Theory and Practice. In: STREET, B. V.; MAY, S. (Orgs.). **Encyclopedia of Language and Education: Literacies and Language Education**. 3 ed. New York: Springer, 2017, p. 147-158.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-171, 1998.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and “Deep Theorizing”: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. **Written Communication**, v. 25, n. 03. Sage Publications, p. 352-388, 2008.

LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S. Introduction. In: LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S. (Orgs.). **Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice**. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015, p. 03-22.

NELSON, N.; CASTELLÓ, M. Academic writing and authorial voice. In: CASTELLÓ, M.; DONAHUE, C. (Orgs.). **University writing: selves and texts in academic societies**. United Kingdom: Emerald, 2012, p. 33-51.

PARIS, L. G. **Letramentos acadêmicos de doutorandos: entre mediações e publicações**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

PARIS, L. G. O orientador como mediador de letramento privilegiado no processo de escrita da tese de doutorandos. **Revista do GEL**, v. 19, n. 1, p. 246-264, 2022.

PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. M. Autoria e internacionalização na escrita acadêmica: análise da principal organização profissional das Engenharias Elétrica e Eletrônica. **Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 3, p. 752-773, 2019.

PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S. Efeitos da valorização de uma produtividade quantitativa em práticas de escrita acadêmica no doutorado. In: LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. (Orgs.). **Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 61-88.

PEREIRA, C. S. G. **A organização da informação e conhecimento em redes colaborativas como um processo de construção social do significado: uma teoria e um método prático**. 2010. 180 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Porto. Faculdade de Engenharia. Porto, 2010.

PIRES-SANTOS, M. L.; LUNARDELLI, M. G.; JUNG, N. M.; SILVA, R. C. M. “Vendo o que não se enxergava”: condições epistemológicas para construção de conhecimento coletivo e reflexivo da língua(gem) em contexto escolar. **D.E.L.T.A**, v. 31, n. especial, p. 35-65, 2015.

STARKE-MEYERRING, D. The paradox of writing in doctoral education. In: MCALPINE, L.; AMUNDSE, C. (Orgs.). **Doctoral Education: research-based strategies for doctoral students, supervisors and administrators**. Dordrecht: Springer, 2011, p. 75-95.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. 243 p.

STREET, B. V. Academic Literacies approaches to genre? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 02, p. 347-361, 2010.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240 p.

STREET, B. V.; LEA, M. R.; LILLIS, T. Revisiting the question of transformation in academic literacies: the ethnographic imperative. In: LILLIS, T.; HARRINGTON, K.; LEA, M. R.; MITCHELL, S (Orgs.). **Working with Academic Literacies: case studies towards transformative practice**. Anderson, South Carolina: Parlor Press; Fort Collins, Colorado: WAC Clearinghouse, 2015, 432 p.

VIEIRA, L. A. **Ciência da informação e redes de colaboração acadêmica: diálogos, constituição e perspectivas**. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, MG, 2009.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, p. 467-484, 2013.

### *Larissa Giacometti PARIS*

Doutora em Linguística Aplicada (2021) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestra em Linguística Aplicada (2016) e licenciada em Letras – Língua Portuguesa (2013) pela mesma instituição. É professora da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando no Departamento de Estudos da Linguagem (DEL). Tem interesse em pesquisas nas áreas do ensino de Língua Portuguesa e dos estudos socioculturais do letramento.

*Recebido em 11/abril/2023.*

*Aceito em 01/setembro/2023.*